

152
167
190
1477
8454

14

PRESERVAÇÃO

Cultura verde

Índios e brancos trocam conhecimentos botânicos em Brasília e desbravam um novo campo da ciência

Por Margareth Lourenço/Fotos Mila Petrillo



Xice Fulni-ô ensina crianças a identificar espécies vegetais pelo aroma

Nos botequins decadentes da periferia de Ji-Paraná, a 376 quilômetros de Porto Velho, em Rondônia, o cacique Roberto, chefe gavião, joga bilhar frequentemente. Faz um jogo duplo. Com a mesma desenvoltura que busca a caçapa, ele acerta negócios com madeireiros clandestinos para retirar mogno das reservas de sua tribo. Roberto é um dos muitos caciques brasileiros que driblam as dificuldades de suas aldeias com o comércio ilegal de madeira. Ou simplesmente acumulam fortuna pessoal, sacrificando o patrimônio do seu povo e do país. Casos de distorção como esse são cada vez mais frequentes entre as nações indígenas, atiradas a um perverso processo de aculturação onde

os desafios se acumulam sem os recursos necessários para enfrentá-los.

A verdade é que, se os brancos continuam campeões em agressão ambiental — e nada indica que isso tenha mudado —, os indígenas passaram a deter também uma parcela de responsabilidade pela preservação do planeta. Aprender a lição ecológica, portanto, tornou-se tarefa comum. É um bom exemplo de como isso pode ser feito com vantagens para ambos os lados está numa iniciativa do Jardim Botânico de Brasília. Há três anos, um grupo de 13 índios bolsistas foi integrado à rotina de trabalho do instituto. E, assim como transmitem aos visitantes noções de harmonia com o mundo natural, eles trocam conhecimentos com os técnicos do Botânico preparan-

do-se para retornar às aldeias com uma visão enriquecida das relações entre o homem e a natureza.

Em 1995, quando voltar de vez para sua tribo, o índio Xice Fulni-ô, por exemplo, ou José Francisco de Sá, em língua de branco, terá 28 anos. Ele levará ao seu povo pelo menos uma novidade que aprendeu em oito anos de convívio com quem sempre acusou de serem os principais culpados pela devastação das matas — o homem branco. "Kaixi Txlekhá Feyakhé", dirá Xice aos 5 mil índios da reserva Ouricuri, a 273 quilômetros de Recife, PE. Embora dito no idioma Fulni-ô, de início os companheiros de Xice terão alguma dificuldade para entender o sentido de sua pregação. "Planta árvore na terra", é o que ele



Mendonça Filho, engenheiro florestal, dá noções de cultivo à pataxó Anaiá

PRESERVAÇÃO

estará dizendo a seu povo, uma das lições importantes que aprendeu em dois anos de convivência com os funcionários do Botânico, em Brasília. Na aldeia dos Fulni-ô, como de resto na maioria das reservas indígenas, a compreensão da finitude dos recursos naturais em áreas demarcadas ainda não foi totalmente absorvida. "Os índios derrubam árvores para fazer lenha e queimar tijolos, mas não repõem o que foi cortado. Sabem da importância das ervas medicinais, mas não detêm todo o seu conhecimento", admite Xice.

O projeto do qual ele faz parte surgiu de uma sugestão de técnicos da Secretaria de Meio Ambiente do Distrito Federal. A idéia foi encampada pela Funai, que seleciona os índios enquanto a secretaria repassa bolsas de estudo no valor de um salário mínimo, para que os estudantes possam custear seu estágio junto ao Botânico. De segunda a sexta-feira, o grupo divide-se em várias atividades espalhadas pelos 4.500 hectares da estação ecológica, onde funcionam um horto medicinal, um apiário e um viveiro de mudas ornamentais e medicinais. Em cada área, recebem ensinamentos específicos que mais tarde poderão repassar às suas comunidades. "Para que o programa cumpra seu objetivo", diz a diretora do órgão, Anajúlia Heringer Sales, "é importante que os índios tenham mesmo o compromisso de voltar



Anajúlia, do Botânico, DF: voltar à aldeia

nas. "Ao acordar, o que ele vê são prédios e não água, fogo, mata e bichos. O índio respeita mais porque precisa da natureza a todo momento. Se ela acabar, ele vai junto", raciocina o jovem Fulni-ô. "Para o índio", simplifica, com uma ponta de lirismo, "basta o fogo, um peixe e uma es-ira."

Como Xice, a pataxó Anaiá Matos de Souza, de 21 anos, sonha levar estudo e assistência médica a sua gente. Sua aldeia, em Porto Seguro, é uma das mais aculturadas do país. "De 10 em 10 minutos chega um ônibus", diz Anaiá, que recebeu o nome de uma palmeira da região. Ela acha que seu povo pode viver melhor, "mas ninguém de fora pode ajudar, tem que ser a gente mesmo". A pataxó está contente com o estágio no Botânico, mas não esconde a insatisfação com o valor da bolsa e os constantes atrasos no pagamento. O chefe da Divisão de Botânica do Parque, engenheiro florestal Dário Ribeiro de Mendonça Filho, que acompanha o treinamento dos indígenas, concorda com as reivindicações de Anaiá. E assegura que a convivência com eles tem sido de grande valor para os técnicos. "A todo momento estamos aprendendo: os índios têm uma interação muito grande com a natureza", elogia.

Um reflexo concreto dessa associação de culturas foi a criação de uma nova área no instituto, a etnobotânica, o estudo cultural da botânica, um caminho interessante para se institucionalizar o aproveitamento dos conhecimentos indígenas na pesquisa da flora brasileira. Entusiasmados, os pesquisadores planejam manter um intercâmbio permanente com povos que ainda habitam o cerrado — xavantes, apinajés e tere-nas, entre outros — para conhecer melhor o uso que eles fazem das plantas nativas. Além disso, os técnicos desejam contribuir com projetos que possam beneficiar as aldeias. Para dinamizar essa troca de informações mutuamente lucrativa, a diretora do Botânico quer institucionalizar encontros entre "cientistas índios e brancos" e buscar soluções em pé de igualdade para problemas de interesse comum.